

# Rememorando o extraordinário certame da Princesa d'Oeste de 1885

17.12.1939  
Cartas-reportagens ao "Correio Paulistano" sobre a 1.ª Exposição Regional de Campinas, de 25 de Dezembro de 1885 a 25 de Janeiro de 1886 pelo jornalista Ezequiel Freire

REMEMORANDO o extraordinário certame da "Princesa d'Oeste" de 1885: cartas-reportagens ao "Correio Paulistano" sobre a 1ª Exposição Regional de Campinas, de 25 de dezembro de 1885 a 25 de janeiro de 1886 pelo jornalista Ezequiel Freire. Correio Popular, Campinas, 17 dez., 1939.

Em vespéras que nos achamos ao encerramento da grande Exposição-Feira commemorativa do bi-centenario de Campinas, interessante se nos afigura a transcrição das cartas-reportagens do jornalista Ezequiel Freire, sobre a primeira grande exposição aqui realizada, isto no tempo ainda do imperio de Pedro II.

Publicadas essas cartas no "Correio Paulistano" da época, pormenorizam tudo do que foi exposto naquelle extraordinario certame, inaugurado a 25 de Dezembro de 1885 e encerrado a 25 de Janeiro de 1886.

Paginas hoje esquecidas, não deixam de ser uma contribuição valiosa para a historia do nosso progresso.

\*\*\*  
"Campinas, 25 de Dezembro. A "nossa bella capital agricola", tão admirada pelo seu espirito de iniciativa, achou o sr. Torlogo Dauntre quem promovesse a realização de um committimento, que, a qualquer outro que não a esse distincto cidadão, pareceria de insuperavel difficuldade nestes tempos em que nos circulos ruraes da provincia só se fala em crise.

O sr. Torlogo bem comprehendeu que a "crise" já vae se tornando geral desculpa para justificar a indolencia natural á indole brasileira, e, solicitando o genio progressista dos Campineiros, conseguiu levar a effeito a exposição regional cuja inauguração realizou-se hoje.

Todos reconhecem que ao tenaz esforço daquelle cidadão deve-se esse brilhante facto de progresso paulista.

Honra lhe seja!  
A exposição occupa ambos os pavimentos do palacete do digno italiano Sr. Prospero Bellinfante, que para tão util fim generosamente cedeu a sua propriedade.

A inauguração realizou-se hoje, presidida pelo sr. ministro da agricultura, que viera expressamente da corte para assistir á festa industrial Campineira.

As 2 horas da tarde daquelle dia dirigiram-se para o Palácio da Exposição Regional os srs. ministro da agricultura e exmo. presidente da provincia, sendo ahi recebidos pelo promotor da Exposição e comissão da camara municipal, subindo todos, acompanhados de numerosos concursos de pessoas gradas, da localidade e de fóra, bem como de grande massa de povo, ao salão onde devia realizar-se a solennidade.

Convidado pelo sr. commendador Torlogo, tomou o sr. ministro da agricultura a presidencia do acto, ficando á seu lado o sr. senador João Alfredo. Seguiram-se os vereadores, o engenheiro da camara, a comissão do Centro da Lavoura e Commercio e outras pessoas de character official.

A parte opposta do salão era occupada por um estrado onde tinham logar 60 professores de musica da orchestra que executou o hymno PROGRESSO, composto por Carlos Gomes para a abertura da exposição.

O maestro Sant'Anna Gomes, empunhando a batuta regeu a execução do hymno inaugural, que foi correctamente cantado pelo grupo coral, composto de diversas amadoras, entre as quaes algumas alumnas do collegio Florence, dos coros da Sociedade Concor dia Allemã, e do Tyrolezes, colonos estes da fazenda Sete Quédas. O hymno, acompanhado á grande orchestra, foi de magnifico effeito.

Immediatamente apoz, o sr. Torlogo convidou o sr. ministro da agricultura a declarar aberta a exposição, o que s. exa. fez pronunciando uma allocução referente ao acto. Usaram ainda da palavra os srs. presidente da Camara, e secretario do Centro da Lavoura e Commercio.

Este, em eloquente improviso, elogiou o espirito progressista dos paulistas, a indole emprehendedora dos campineiros, terminando por saudar o promotor da exposição.

Em seguida o maestro Perciliano regeu a execução de um hymno de grande effeito, por elle igualmente composto para o acto inaugural. Esta peça foi saudada com palmas.

Apoz começou a visita a exposição, merecendo o primeiro exame a grande collecção de amostras de café do municipio, distribuidas por tres salas.

Foi enorme o concurso de visitantes, notando-se entre estes muitas familias.

Vista no seu conjuncto a Exposição Regional de Campinas se não surprehende a quem como eu conhece a riqueza agricola e o desenvolvimento do trabalho industrial deste municipio, não deixa entretanto de se tornar notavel como a expressão cada vez mais crescente do progresso campineiro.

A sua parte mais interessante é por certo a secção de machinas agricolas; della tratarei ulteriormente, pois a inauguração dos pavilhões em que funcionam só far-se-a amanhã.

Na parte já inaugurada offerecem as outrás industrias grande copia de productos ao exame, digo mais, á admiração dos visitantes.

O corpo principal da exposição está no palacete do sr. Bellinfanti, á rua do Rosario.

A secção de machinas occupa todo o largo do Rosario. E' a mais interessante da exposição. Consta dos pavilhões — Lidgerwod, onde se acham as machinas de beneficiar café, deste fabricante, amostras de fundição, delicadissimas, bombas, etc.; do Pavilhão Mac-Hardy, objectos de fundição e machinas; de Arens Irmãos Idem idem; do pavilhão da C. Municipal ao centro do Largo, construído pelo engenheiro Adolpho Pinto.

O pavilhão dos constructores é o recanto mais gracioso, mais artistico, mais chic de toda a exposição. Em estylo mourisco é de grande delicadeza a sua execução. Verdadeira joia de architectura phantastica, está guarne-

cido interiormente com graça correspondente á elegancia exterior. Planejou-o o dr. Francisco de Azevedo, o mesmo architecto que dirigiu as obras de acabamento da Matriz-Nova.

Campinas, 26 de Dezembro. Continua em toda a cidade um geral bulicio de festa.

Apezar da epidemia de variola; apezar da temerosa CRISE, esse perpetuo espantallo da gente agricola; apezar da pressão que nos animos exercia o terror do levante geral da escravatura annunciada para hontem; apezar de tudo isso e mais do calor senegalesco, que faz, — Campinas está festiva, alegre, ruidosa e justamente desvanecida da sua EXPOSIÇÃO REGIONAL.

Mas dentre toda essa gente pressurosa, transpirando, afadigada, irrequieta, distingo, percebo, avisto, adivinho em toda a parte, em todos os recantos da exposição, onde quer que seja preciso fazer as honras da terra, informar, mandar, resolver, agir, o homem no qual se tem concentrado durante estes dias a maior somma possivel de mansa paciencia e de actividade infatigavel — o sr. Torlogo Dauntre, o meritorio campineiro que promoveu a Exposição Regional, esta deslumbrante festa pela qual Campinas se ostenta uma cidade de primeira ordem, rica, operosa e emporio industrial fecundando a opulenta região agricola que a rodeia.

Quem vê a Exposição Campineira, organizada como está nas suas duas partes, — a que funciona no palacete Bellinfante e os pavilhões de machinas do Largo do Rosario, não imagina a somma de paciencia, de esforço, de tenacidade que foi preciso para vencer a inercia, afastar as relutancias, estimular os espiritos e depois de isso feito realizar pacientemente, este grande conjuncto de cousas, ajuntando, distribuindo, dispondo cada uma das partes para o brilhante effeito geral que apresenta a Exposição Campineira.

Conferindo ao sr. Torlogo, a primeira e maior porção de gloria que lhe cabe como promotor deste committimento industrial, é de justiça mencionar, assignalando-os ao reconhecimento publico, os seus dignos auxiliares.

Menciono-os na ordem do serviço prestado, conforme pessoalmente me informa o organizador da Exposição.

O ponto inicial do qual partiu o sr. Torlogo foi o que lhe forneceu a generosidade do sr. Prospero Bellinfanti, que cedeu gra-

JFT 85.8.1.1.2-1

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE034604

F1

ciosamente o seu palacete á rua Barreto Leme para nelle se estabelecer o corpo central da Exposição.

Ao sr. commendador Geraldo de Rezende deve a Exposição toda a sua parte decorativa de vegetações vivas: — arbustos de varias especies de caféeiros, touças de cannas, etc., que ornão lateralmente a galeria de entrada, salas, e pateo do Palacio da Exposição.

Os irmãos Arens foram os primeiros que plantaram no largo do Rosario os esteios do seu Pavilhão, estimulando dest'arte a concorrerem ao certame do trabalho campineiro os outros industriaes da cidade Lidgerwood e Mac-Hardy que mais tarde armaram fronteiros um ao outro as suas tendas de campanha, para a batalha do Progresso que se feriu hontem.

Ao meio dia de hoje os srs. ministro da agricultura, o senador João Alfredo, acompanhados do sr. Torlogo, a commissão do Centro da Lavoura e Commercio, grande concurso de povo e todas as pessoas gradas da terra, dirigiram-se ao largo do Rosario, onde ficam os pavilhões de machinas a que nos temos referido.

A area do largo mal comportava a aglomeração de povo que se estendia pelas adjacencias; grande numero de familias, aqui e alli, mosqueavam com as côres brilhantes das sédas de suas toilettes a densa multidão escura da gente masculina enfracada de preto.

Chegados os srs. conselheiros Prado e João Alfredo em frente ao Pavilhão Arens, foram ali recebidos por um dos sympathicos irmãos e proprietarios do estabelecimento. Então, a um signal dado, abriu-se de par em par o portão da fachada e a grande onda de concorrentes penetrou no interior do Pavilhão, ao som dos urras e guinchos dos apitos de vapor, que davam o alarme para o trabalho geral de todas as machinas.

Era uma ouverture imponente aquella, composta das vozes do trabalho livre; um hymno glorioso da industria triumphante neste torrão da provincia paulista, erguido aos ares pelos instrumentos orchestraes de uma nova especie, golfada no vapor das caldeiras das machinas agricolas.

Hurrha! por Campinas!

Honra ao promotor da Exposição Regional!

**EZEQUIEL FREIRE"**  
**EXPOSIÇÃO REGIONAL DE**  
**CAMPINAS**

II

"Esperava muito, não imagina-

va tanto — tal foi a phrase que ouvi o dr. Honorio Ribeiro proferir, significando a impressão que lhe causára a festa industrial campineira.

O dr. Honorio tem toda competencia nestes assumptos.

E' o infatigavel promotor das 16 exposições que têm sido realizadas pelo Centro da Lavoura e Commercio. Sua opinião é, pois, quasi um julgamento.

Deixando-se amavelmente questionar, o digno representante do Centro da Lavoura e Commercio, deu-me algumas informações que archivei na memoria e procurarei reproduzir com a maior fidelidade.

Cerca de 200 amostras de café estão cathalogadas no impresso distribuido aos visitantes.

Em geral, representam os typos mais apreciados do café brasileiro. Entre ellas figuram duas amostras typicas, procedentes da fazenda Santa Luzia, que no competente juizo do digno secretario do Centro da Lavoura e Commercio representam, já pela côr, já pelo aroma, as mais perfeitas qualidades de café que elle haja visto.

Figura ainda na exposição uma amostra de fructas de legitimo café arabico, procedentes da fazenda do sr. commendador Geraldo de Rezende, que tambem expõe dois arbustos vivos daquelle especie.

Como cultura industrial o café arabico não pôde competir com o café commum, sendo mal apreciado em nosso mercado por causa da pequenez dos seus gãos.

Considerados em geral os typos de café reunidos na exposição campineira em confronto com o café fluminense, são inferiores a estes. E' isto devido ao cuidado que os fazendeiros do Rio empregam nas operações que constituem o beneficiamento do café, principalmente na série das que se praticam depois do trabalho das machinas, por exemplo a "escolha".

O café paulista tem qualidades naturaes superiores ao fluminense; entretanto tal é a importancia das qualidades extrinsecas adquiridas pelo beneficiamento, que o café de São Paulo só desvantajosamente soffrerá cotejo com o do Rio de Janeiro.

Esta desvantagem é entretanto relativa. O resultado geral do trabalho é em proveito do lavrador paulista que — mais pratico — procura colher da sua propriedade rural a maior somma possível de lucros.

O lavrador fluminense preoccupa-se um pouco de mais com a "gloria" de apresentar um pro-

ducto superfino; porem o trabalho applicado a conseguil-o não é compensado pelo valor a mais, relativamente modico, que o seu producto adquire no mercado.

As relações do Centro da Lavoura e Commercio com a lavoura paulista tem sido quasi nenhuma até hoje; esperam porém os dignos representantes do Centro que a Exposição Regional de Campinas sirva de ensejo para que taes relações se estreitem entre os lavadores de São Paulo e aquella associação que tão desinteressada e efficazmente promove os interesses geraes da classe agricola.

Os tres representantes do Centro da Lavoura e Commercio, que vieram representar a associação — srs. Barões de Araujo Maia e de Araujo Ferraz e dr. Honorio Ribeiro — são commissarios do café na Côte, independentes pela fortuna, e que, entretanto, fazem a fatigante viagem do Rio á Campinas, ás expensas suas, para estudarem questões de interesse das classes que representam.

Ao passo que (convem aqui consignar-o), a Associação Agricola e Commercial de São Paulo, que tem como um dos seus deveres fundamentaes "promover exposição regionaes" deixa de mandar um representante á Campinas, da qual está a 3 horas de viagem.

E' notavel que a Associação que se diz agricola e commercial não fulgasse do seu dever fazer-se representar na exposição que procurou reunir os productos da agricultura e da industria do mais adiantado municipio da provincia.

Dois grandes grupos de productos destacam-se na Exposição Campineira — os seus cafés e a sua manufactura de ferro.

Daquelles já dissemos o que aprendemos nas autorizadas informações do representante do Centro da Lavoura e Commercio.

Queremos ainda referir-nos a um dos objectos mais notaveis do primeiro grupo. E' um enorme caféeiro exposto no Largo do Rosario pelo sr. Francisco Antonio da Silva Serra.

Conta este phenomenal caféeiro 42 annos de idade; mede 8 metros de altura, 90 centimetros de circumferencia na base e já produziu em uma só colheita de 6 alqueires, — ou sejam 3 arrobas, naquelle tempo ao preço entre 7\$000 e 10\$000.

Com uma terra que alimenta arvores dessas e com o negro para o trabalho gratuito do eito, já não nos admiramos da enorme riqueza accumulada em poder dos senhores do sólo e da escravatu-

REMEMORANDO o extraordinário certame da "Princesa d'Oeste" de 1885: cartas-reportagens ao "Correio Paulistano" sobre a 1ª Exposição Regional de Campinas, de 25 de dezembro de 1885 a 25 de janeiro de 1886 pelo jornalista Ezequiel Freire. Correio Popular, Campinas, 17 dez., 1939.

ra, riqueza que por sua vez provocou o enorme progresso industrial que dá testemunho a Exposição Regional.

E' ainda essa riqueza que permitiu a construção das grandes residencias da cidade, onde, como em uma dellas observei que o fausto apparatuso faz com que sirvam a mesa 15 mestiços distraídos do serviço dos cafesaes.

Campinas conta cerca de 300 fazendeiros, geralmente abastados. Para fazer-se ideia da riqueza agricola do municipio, basta considerar que é esse um municipio velho, que ha muito cultivava o café, e tanto produz que só no anno de 1875 exportou ... 1.500.000 arrobas — representando um valor minimo de 7.500 contos de réis.

A grande riqueza agricola permitiu um correlativo desenvolvimento industrial. Só as suas 5 grandes manufacturas — Viuva Faber, Lidgerwood, Mac-Hardy & Co., Guilherme MacHardy, Arens Irmãos, sem contar outras pequenos estabelecimentos congeneres, — devem produzir, em machinas objectos da fundição, cerca de 1.800 toneladas de ferro manufacturado, representando um valor approximado de Rs..... 9.000:000\$000 calculada a tonelada de ferro em obra ao preço médio de 500\$000.

Dada uma ideia geral sobre o desenvolvimento da agricultura e da industria Campineira, conforme a ostenta a Exposição Regional, convem assignalar que as pequenas industrias apresentam igualmente um adiantamento notavel.

As proprias artes fizeram-se brilhantemente representar por alguns dos seus mais delicados ramos.

O que constituirá materia de subsequentes artigos.

EZEQUIEL FREIRE

EXPOSIÇÃO REGIONAL DE CAMPINAS

III

Passando a mencionar os objectos expostos no PALACIO DA EXPOSIÇÃO, notamos no primeiro pavimento:

Productos de calderaria: — um grande alambique; banheira; aparelho para duchas, etc.

— Em outra sala: — dois carros, sendo uma victoria e um coupé. Este é elegantissimo, sobre molas de notavel flexibilidade. Arreios igualmente bem acabados.

Expositor Campos & Irmãos.

— Amostras de oleos, sabão e velas, da Fabrica Industrial do dr. Octavio Pacheco e Silva.

Entre os oleos expostos, o de amendoim, extrahido a frio, para usos culinarios, é de uma limpidez admiravel, muito puro e de bellissima côr.

Este oleo comestivel, que em qualidade pôde vantajosamente competir com os productos similares importados, não supporta, entretanto, a concorrência daquelles, por causa do alto preço e escassez da materia prima necessaria á fabricação.

Ao sr. Pacheco e Silva não podemos regatiar parabens, como ao introductor de uma industria completamente nova no municipio; principalmente sabendo-se com que difficuldade tem nelle luctado para conseguir manter o seu estabelecimento, e mesmo que as contrariedades lhe sobrevieram desde a fundação da sua fabrica.

Dar-me-não difficilmente creditos se lhes eu disser que os primeiros embarços que teve por diante o sr. Pacheco, quando tratava da fundação do seu estabelecimento, provieram de má vontade ou de má apreciação da camara municipal de Campina, que se oppoz logo em principio que funcionasse a fabrica.

Apezar de apresentar attestados de medicos distinctos da provincia, os quaes eram de opinião que o exercicio daquella industria, em arrabalde da cidade, em nada prejudicava a saude publica; apezar de demonstrar que essa industria não estava catalogada pelas pesturas entre aquellas cujo estabelecimento é vedado na proximidade dos povoados, — a camara sustentou o seu veto, sendo preciso o sr. Pacheco e Silva recorrer para o Barão de Guajará, então presidente da provincia, que decidiu em favor do recorrente.

Nesta lucta passaram-se alguns mezes e a Fabrica Industrial só pôde começar a funcionar regularmente em Setembro de 1883.

Outra difficuldade com que lucta a industria de que tratamos é a escassez de materia prima, do que resulta a sua carestia e a correspondente elevação no preço do producto fabril.

Estas industrias só poderão manter-se com prosperidade quando, ou pelo parcelamento das grandes propriedades ruraes; ou pela cessão de pequenas areas de plantio aos colonos que tratam dos cafesaes, independentemente da desintegração das fazendas, ou por quaesquer medidas futuramente adoptadas, se desenvolver a pequena lavoura, unico regime agricola sob o qual podem committantemente medrar as pequenas industrias.

A verdade desta observação, conquanto intuitiva, demonstra-se ainda com o exemplo do que se possa no Rio Grande, onde, com relação a este assumpto, vemos a diferença a melhor para o pequeno industrial teuto brasileiro, que alli se provê da materia pri-

ma por metade do preço que o mesmo artigo custa em Campinas.

Por enquanto, ninguém conseguirá convencer o fazendeiro de café de que deve cultivar outra cousa que não seja a arvore das patacas. "De minimis non curat Pretor" dizem os agricultores campineiros (os que falam latin); tanto importa dizerem elles: "fazendeiro não planta amendoim".

E isto é tão verdade, que só o colono nos pôde salvar. Ainda bem que elle vem vindo ahi, a pouco e pouco, para substituir a negra dos eitos.